

AVANÇO TECNOLÓGICO E MUDANÇAS NA ESTRUTURA OCUPACIONAL BRASILEIRA¹

Cairê Britto Barletta², Patricia Bonini³

¹ Vinculado ao projeto de pesquisa “Criação e destruição de emprego e o prêmio salarial das novas ocupações: uma análise com foco em diferenciais de gênero”

² Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas da ESAG, bolsista PROIP/Udesc

³ Orientadora, Departamento de Ciências Econômicas (UDESC) - patricia.bonini@udesc.br

A incorporação de novos equipamentos que incorporam novas tecnologias ocorre ou por meio de eliminação de empregos existentes com criação de novas ocupações ou por meio de atualização dos equipamentos já utilizados [1], [2]. Esse processo de criação e eliminação de ocupações está associado a alterações nos rendimentos do trabalho, enquanto as pessoas especializadas em ocupações que se tornam obsoletas perdem espaço de atuação, pessoas capazes de preencher novos conhecimentos e habilidades requeridas são melhor remuneradas. Nesse contexto, nosso objetivo de pesquisa entremeia passa por dois aspectos dessa dinâmica de mercado de trabalho. De um lado, o perfil de gênero das modernas indústrias – em especial a indústria de tecnologias de informação e comunicação – determina a evolução do *gap* salarial feminino [3]. De outro, discrepância no ritmo de disseminação dessas novas indústrias, pode, ou aprofundar temporariamente, ou de fato, amenizar a heterogeneidade entre as grandes regiões brasileiras.

Um dos aspectos das mudanças na estrutura ocupacional provocada pelo avanço tecnológico é que a eliminação de alguns tipos de emprego explica parte do desemprego estrutural das economias modernas. Perseguindo esse objetivo, buscou-se avaliar primeiramente a evolução da PEA (População Economicamente Ativa) em relação à PIA (População em Idade Ativa) e a evolução da taxa de desemprego por região brasileira ao longo da última década. O primeiro indica a influência do ciclo econômico sobre taxa de desemprego, na medida que durante as recessões, muitas pessoas saem temporariamente de PEA, enquanto nas expansões, muitos voltam à PEA.

Em termos da taxa de desemprego – relação entre o número de pessoas que declaram estar procurando emprego e o tamanho da PEA – uma primeira observação dos dados desagregados por estados brasileiros indica que a maioria dos estados das regiões norte e nordeste apresentam persistentemente maiores taxas de desemprego ao longo do período, enquanto os estados da região sul, apresentam menores taxas. A Figura 1 ilustra esse desempenho para alguns estados selecionados. A Figura 1 destaca que o Estado do Ceará, apresenta taxa de desemprego similar a dos estados da região sul. Isso sugere que investiguemos se o ritmo da implantação das indústrias de tecnologia da informação é mais rápido nesse estado em relação aos demais da região nordeste.

Outra vertente da pesquisa se alinha à investigação preliminar das ocupações que se tornaram maiores (em termos quantitativos) ou que se reduziram. Nas décadas de 1980 e 1990, de um lado houve aumento da população em idade ativa e da população economicamente ativa – como parte do bônus demográfico brasileiro. Porém foi também um período em que houve redução do número de pessoas com empregos em estabelecimentos mais estruturados e aumento da informalidade no mercado de trabalho. Nesse período, foi observado predomínio da geração

de ocupações com menor grau de qualificação e remuneração. Já na década de 2000, embora o desempenho da economia tenha sido melhor, essa pesquisa averiguou que as ocupações com menor qualificação continuaram sendo as maiores em termos do quantitativo de pessoas empregadas. Ainda não figuram entre as 35 principais ocupações aquelas diretamente ligadas ao setor quaternário e quínario das economias modernas.

A interpretação mais direta dos dados preliminares até aqui analisados pode ser obtida a partir das ocupações foram quantitativamente reduzidas entre 2003 e 2019. Dentre estas, o destaque são as ocupações de trabalhador de cana-de-açúcar e auxiliar de enfermagem. No caso da primeira, essa redução indica que a mão de obra tem sido substituída pelo capital físico, dado o avanço da mecanização das atividades agropecuárias e dado que a indústria que emprega essa mão de obra não parou de crescer ao longo do período. Já no caso da ocupação do auxiliar de enfermagem, esse desempenho pode ser analisado considerando o grande aumento das ocupações de “técnico de enfermagem” – aumento de 691% e “enfermeiro” (aumento de 284%). Neste caso, não se trata de substituição de trabalho por capital físico, mas do avanço na disponibilidade de mão de obra mais qualificada e mais capaz de lidar com os novos equipamentos disponíveis.

Fonte: Elaborado com base nos dados da RAIS.

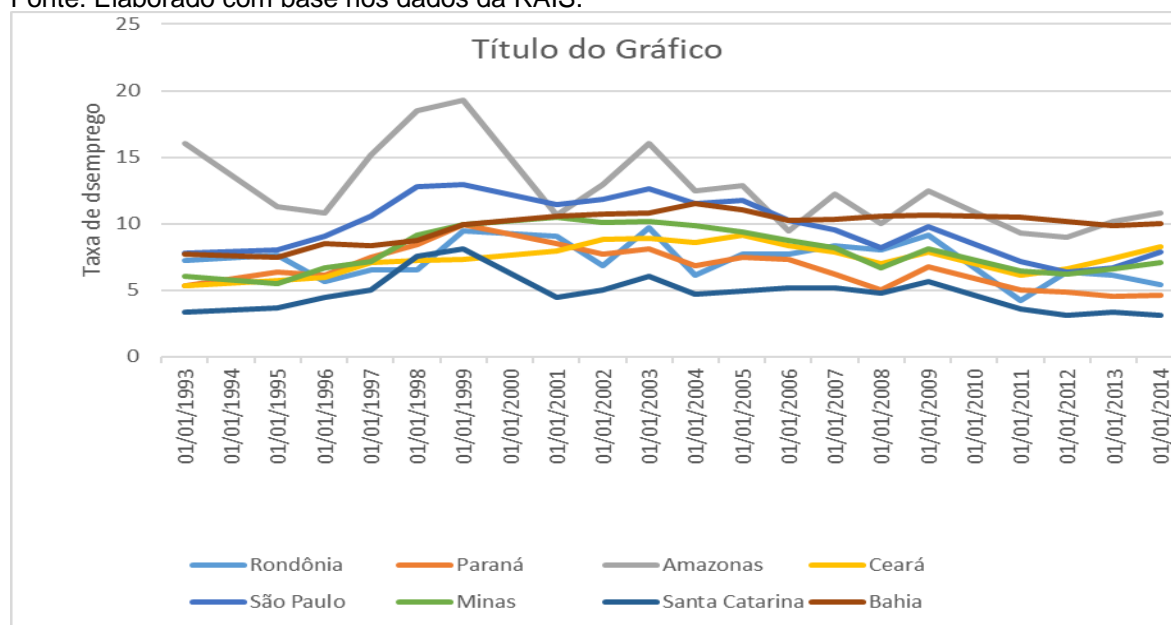


Figura 2: Taxa de desemprego por estados brasileiros selecionados

Palavras-chave: ocupações. emprego. desemprego.

Referências

- [1]MORTENSEN, T.A. e PISARIDES, C. Technological Progress, Job Criation and Job Destruction. Review of Economic Dynamics vol.1, p. 733-753 1998
- [2] DAVIS, S.J. e HALTIWANGER, J. Driving forces and employment fluctuations. National Bureau of Economic Research, working paper no. 577, September, 1996
- [3]GOLDIN, C. and KATZ, L.F. The Race Between Gender and Technology. Belknap Press for Harvard University Press, 2008